



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp  
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

**Wires Costa da Silva**

**HÁ UMA 4º ONDA DO FEMINISMO? Mulheres e homens jovens e as desigualdades  
entre os gêneros no Sudoeste do Maranhão.**

Imperatriz – MA  
2024



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp  
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

**Wires Costa da Silva**

**HÁ UMA 4ª ONDA DO FEMINISMO? Mulheres e homens jovens e as desigualdades  
entre os gêneros no Sudoeste do Maranhão.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação ao departamento Centro de Ciências de Imperatriz do Curso Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Sociologia.

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Vanda Maria Leite Pantoja

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Dra. Vanda Maria Leite Pantoja (Orientadora)  
**Universidade Federal do Maranhão**

---

Dra. Karina Almeida de Sousa  
(1º Examinado/a)  
**Universidade Federal do Maranhão**

---

Dr. Edson Ferreira da Costa  
(2º Examinador/a)  
**Universidade Federal do Maranhão**



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Costa da Silva, Wires.

Há uma quarta onda do feminismo? Mulheres e homens jovens e as desigualdades entre os gêneros no sudoeste do Maranhão / Wires Costa da Silva. - 2024.

48 f.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia,  
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - Ma, 2024.

1. Ciberfeminismo. 2. Desigualdade de Gênero. 3. Feminismo.  
4. Quarta Onda. 5. Tecnofeminismo. I. Maria  
Leite Pantoja, Vanda. II. Título.

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp  
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

Dedico esse trabalho a minha mãe e meu pai, sem eles eu não teria chegado até aqui. E a todas as mulheres que me inspiram a lutar por uma sociedade mais justa, até que todas elas sejam livres!



## **AGRADECIMENTOS**

Quero aproveitar este momento para refletir sobre a importância dessas pessoas especiais em minha vida e em minha jornada acadêmica. Minha mãe, Maria Eliene Costa da Silva, é mais do que uma figura materna para mim. Ela é um verdadeiro exemplo de força e determinação, enfrentando desafios com coragem e sempre me incentivando a perseguir meus sonhos. Seu apoio incondicional foi fundamental para que eu nunca desistisse, mesmo nos momentos mais difíceis.

Meu pai, Jocemir Rodrigues da Silva, também desempenhou um papel crucial em minha trajetória educacional. Sua dedicação em garantir que eu tivesse acesso à educação e oportunidades de aprendizado é algo que sempre valorizarei. Seu exemplo de integridade e trabalho árduo moldou meu caráter e minha visão de mundo.

Aos meus irmãos, Werlly e Wilton, e aos meus amigos e amigas, quero expressar minha profunda gratidão por estarem ao meu lado em todas as etapas deste percurso. Suas palavras de encorajamento, gestos de solidariedade e apoio inabalável foram o alicerce sobre o qual construí minha jornada acadêmica.

Além disso, não posso deixar de mencionar o apoio inestimável de toda a minha família, cujo amor e incentivo foram uma fonte constante de inspiração e motivação.

Aos amigos e amigas que fiz durante minha jornada na universidade, quero expressar minha sincera gratidão. Nossos momentos compartilhados foram marcados por risadas, desafios superados e aprendizado mútuo. Vocês são uma parte preciosa da minha vida e levarei cada lembrança conosco para sempre.

Por fim, minha orientadora, Vanda Pantoja, merece uma menção especial. Sua orientação, sabedoria e apoio foram cruciais para o sucesso deste trabalho. Sua capacidade de transmitir conhecimento com paciência, humildade e empatia foi verdadeiramente inspiradora e deixou uma marca indelével em mim.

Quero expressar minha sincera gratidão à Fundação de Amparo à Pesquisa, Tecnologia e Desenvolvimento do Maranhão, por financiar uma bolsa que foi fundamental para a realização e conclusão desta pesquisa com excelência. Além disso, desejo estender meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma durante o trabalho de campo na coleta de



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
MARANHÃO**

---

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp  
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia  
dados. Em particular, gostaria de destacar a valiosa colaboração de Luiza Lepos e Daiane Viana.  
Suas assistências foram essenciais para o sucesso deste projeto.

Portanto, a todos e todas, minha eterna gratidão. Este trabalho não seria possível sem o apoio e a presença de cada um de vocês em minha vida. Obrigado por fazerem parte desta jornada e por tornarem este momento possível.

Grato!



## RESUMO

A presente pesquisa considerou a temática do gênero como eixo principal. Temos como objetivo compreender o entendimento que jovens maranhenses têm sobre as desigualdades de gênero. Preocupa-nos entender: a) se os e as jovens fazem presentes nas discussões sobre o movimento feminista. b) identificar os instrumentos por meios os quais eles e elas acessam tal a discussão. Para alcançar os resultados primeiramente foi feita uma sistematização da produção acadêmica sobre gênero, em particular sobre feminismo. Em seguida foi aplicado questionário com uma metodologia quantitativa e exploratória para análise das respostas, com algumas perguntas de identificação das/os entrevistadas/os para jovens do ensino médio de idade entre 14 e 20 anos em duas escolas públicas no sudoeste do Maranhão. Numa terceira etapa foram realizadas entrevistas com estudantes selecionados na etapa de questionários, as entrevistas tinham como propósito aprofundar algumas das questões levantadas no questionário; por último foi feita sistematização das respostas coletadas. A pesquisa apontou como um dos resultados que a internet é o principal instrumento que as/os interlocutores têm utilizado para se informar e/ou opinar sobre questões que envolvem desigualdade de gênero e feminismo, Wajcman (2006) chama esse processo de tecnofeminismo e Haraway (2000) chama-o de ciberfeminismo, assim, se faz necessário a mobilização em larga escala das/os jovens por meio das redes sociais, evidenciando o potencial do tecnofeminismo e ciberfeminismo como novas ferramentas na busca por poder e reconhecimento, na promoção e valorização das agendas feministas. Um segundo elemento que essa pesquisa aponta é que apesar de as/os jovens se fazerem presentes nos debates sobre gênero, há pouca compreensão sobre a questão. Um terceiro ponto que a pesquisa problematiza é que a escola e a família têm colaborado de maneira tímida nessa discussão sobre gênero com os/as jovens.

**Palavras-chaves:** Ciberfeminismo; Desigualdade de Gênero; Feminismo; Quarta Onda; Tecnofeminismo.



## ABSTRACT

This research took into consideration the theme of gender as the main axis. The point of the research is to understand that young people born in Maranhão know about gender equality. We seek understanding: a) whether young people are present in discussions about the feminist movement; b) to identify the instruments through which they access this discussion. To achieve results, a systematization of academic production on gender, in particular on feminism, was first carried out. Afterwards, a questionnaire with a quantitative and exploratory methodology was applied to analyze the responses, with some questions of identification from the interviewees to high school students aged between 14 and 20 years old in two public schools in the southwest of Maranhão. In a third stage, interviews were carried on with students selected in the questionnaire stage. The purpose of the interviews was to delve deeper into some of the questions raised in the questionnaire; Finally, the collected responses were systematized. The research pointed out as one of the results that the internet is the main instrument that interlocutors have used to obtain information and/or give their opinion on issues involving gender inequality and feminism, Wajcman (2006) calls this process technofeminism and Haraway (2000) calls it cyberfeminism, thus, it is necessary to mobilize young people on a large scale through social networks, highlighting the potential of technofeminism and cyberfeminism as new tools in the search for power and recognition, in the promotion and valorization of feminist agendas. A second element that this research highlights is that despite young people being present in debates about gender, there is little understanding of the issue. A third point that the research problematizes is that the school and family.

**Keywords:** Cyberfeminism; Gender Inequality; Feminism; Fourth Wave; Tecnofeminism.



## **TABELAS**

Tabela 1 - Gênero e faixa etária das/os discentes. (Imperatriz).....	35
Tabela 2 - Gênero e faixa etária das/os discentes. (Buriticupu).....	35
Tabela 2 – Principal dispositivo de acesso à internet das/os discentes. (Imperatriz).....	37
Tabela 2 – Principal dispositivo de acesso à internet das/os discentes. (Buriticupu).....	37
Tabela 3 – O que as/os discentes mais acessam a internet. (Imperatriz).....	38
Tabela 3 – O que as/os discentes mais acessam a internet. (Buriticupu).....	38
Tabela 4 – Meios através dos quais as/os jovens se informam sobre gênero e feminismo. (Imperatriz).....	41
Tabela 4 – Meios através dos quais as/os jovens se informam sobre gênero e feminismo. (Buriticupu).....	41

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Alunas/os que já leram sobre desigualdade de gênero. (Imperatriz e Buriticupu) .....	40
Gráfico 2 - O que as/os entrevistadas/os entendem por feminismo. (Imperatriz e Buriticupu) .....	42



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. DESIGUALDADE DE GÊNERO: UM ESTUDO EM IMPERATRIZ E BURITICUPU, NO MARANHÃO.</b> .....	19
<b>3. METÁFORA DA ONDA: UMA ABORDAGEM ÚTIL PARA COMPREENDER O FEMINISMO?</b> .....	24
3.1 “QUARTA ONDA” E AS PRINCIPAIS CORRENTES FEMINISTAS .....	25
3.2 A primeira onda do feminismo .....	26
3.3 A segunda onda do feminismo.....	27
3.4 A terceira onda do feminismo.....	29
3.5 Quarta onda do feminismo?.....	29
3.6 Ciberfeminismo e Tecnofeminismo.....	32
<b>4. SER JOVEM NO SUDOESTE MARANHENSE</b> .....	34
<b>5. PERFIL DEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES: EXPLORANDO GÊNERO, IDADE E RESIDÊNCIA NO MARANHÃO</b> .....	36
<b>6. UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO DIGITAL E SEU USO DA INTERNET</b> .....	36
<b>7. VIVENDO CONECTADOS: O IMPACTO DA INTERNET NA JUVENTUDE</b> ....	38
<b>8. DESIGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA E NA FAMÍLIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS</b> .....	40
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	47



## 1. INTRODUÇÃO

Desde a minha infância, sempre estive cercado por mulheres extraordinárias, minha mãe, avós, tias, professoras e amigas. Essa proximidade desde cedo me proporcionou uma compreensão profunda da importância das mulheres no mundo, posteriormente isso me foi traduzido pela compreensão da importância do feminismo em minha vida. Observar e aprender com mulheres notáveis moldou minha visão sobre a igualdade de gênero e fortaleceu meu compromisso em apoiar e promover os princípios fundamentais do feminismo. Essas experiências enriquecedoras contribuíram significativamente para a minha consciência e sensibilidade em relação às questões de gênero, inspirando-me a ser um aliado ativo na busca por equidade de gênero.

Na trajetória acadêmica, tive o privilégio de conhecer mulheres marcantes, minha orientadora, professoras e amigas, que desempenharam e desempenham papéis cruciais na minha formação. Além disso, ao me aprofundar nos estudos, descobri diversas autoras cujas obras ampliaram ainda mais minha compreensão sobre a necessidade de discutir a desigualdade de gênero. O movimento feminista, em suas múltiplas manifestações, tornou-se uma fonte valiosa de aprendizado, fornecendo *insights* essenciais para compreender a complexidade da luta das mulheres. Essas experiências na academia fortaleceram meu compromisso em contribuir ativamente para a promoção da igualdade de gênero, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral. Concordo plenamente com a visão da intelectual negra estadunidense bell hooks<sup>1</sup>, compreendendo que o feminismo não é exclusivamente um movimento de mulheres, segundo sua definição que é bastante incisiva, para ela, “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2019, p. 10).

Assim como a autora pontua, compreendemos que o feminismo não seja um movimento apenas de mulheres, logo, em nossa pesquisa os interlocutores são mulheres e homens jovens. Portanto, essa pesquisa pretende compreender como elas e eles acessam as informações sobre desigualdade de gênero e feminismo. Desde os primeiros passos na minha jornada acadêmica, o interesse pelos estudos de gênero, especialmente pelo feminismo, sempre esteve presente em

---

<sup>1</sup> bell hooks, escritora, professora e ativista estadunidense, é considerada uma das mais importantes intelectuais da atualidade. Para aqueles que não estão familiarizados, bell hooks é, na verdade, um pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins, e se escreve desse modo mesmo, com letras minúsculas (bell hooks). O nome foi uma homenagem à sua bisavó, mas o uso das letras dessa forma foi uma escolha intencional para dar destaque à sua produção e não à sua pessoa.



meu percurso. Tive plena consciência da urgência e relevância da luta das mulheres por igualdade e justiça. Esse interesse foi inicialmente estimulado pela minha orientadora, por meio do Programa Institucional Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que se insere em um projeto de pesquisa mais abrangente denominado "Mulheres em Movimento: Feminismo, trabalho, política, educação, arte e vida das mulheres maranhenses". A experiência na Iniciação Científica expandiu significativamente minha compreensão sobre o fazer pesquisa e me aproximou ainda mais dos estudos de gênero, em particular no que refere as mulheres. Durante o período compreendido entre setembro de 2022 e agosto de 2023, a pesquisa foi conduzida, contando com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Após a conclusão desta investigação, um relatório final foi meticulosamente elaborado e entregue, detalhando os achados e conclusões alcançadas.

É importante ressaltar que ao longo desse período, a pesquisa não se limitou apenas ao trabalho nos bastidores. À vez disso, sua relevância foi compartilhada e discutida em quatro eventos de divulgação científica, onde a proposta do projeto foi apresentada de forma clara e acessível. Esses encontros proporcionaram uma oportunidade valiosa para a interação com outros/as pesquisadores/as e membros da comunidade interessados, enriquecendo ainda mais o debate em torno do tema investigado.

Desde então, tenho buscado mergulhar cada vez mais nesse campo de estudo, explorando suas complexidades e contribuindo para a promoção da equidade de gênero e para o empoderamento das mulheres em diferentes esferas da sociedade. Busco constantemente ampliar meu conhecimento nesse campo e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas. Tenho empenhado esforços contínuos para ampliar meu conhecimento nesta área, absorvendo novas informações, participando de cursos e eventos relevantes. Acredito firmemente que cada pequeno avanço no entendimento das questões de gênero pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas. Além disso, tenho procurado engajar-me ativamente em iniciativas que promovam a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade de gênero. Este compromisso é parte integrante do meu propósito de vida, e continuarei trabalhando incansavelmente para fazer a diferença e criar um mundo onde todas as pessoas possam florescer plenamente, independentemente de seu gênero ou identidade.



A Iniciação Científica não apenas abriu novos horizontes em minha formação acadêmica, mas também o meu desejo sincero de ser um agente de mudança positiva em prol da igualdade de gênero e da justiça social.

Focar em compreender e aprender dentro da minha realidade social é uma prioridade para mim. Me mantenho constantemente envolvido nos estudos de gênero, buscando entender melhor o contexto que me cerca. Para conduzir essa pesquisa, é essencial ter um local específico como referência. Por isso, optamos na pesquisa de Iniciação Científica trabalhar em dois espaços onde nos fosse facilitado o acesso. Assim optamos por aplicar a pesquisa em duas escolas públicas, uma em Imperatriz, na qual tínhamos uma rede de amigos capazes de facilitar nossa entrada e outra em Buriticupu, lugar onde nasci, portanto, tenho bastante acesso. Essas duas cidades serviram como pontos de partida ideais para explorar as questões que nos interessam. Posto isso, ao selecionar Buriticupu e Imperatriz como os locais para nossa pesquisa, estou levando em consideração não apenas sua proximidade física, mas também minha familiaridade com suas comunidades, sua dinâmica social e suas nuances culturais. Acredito que estar imerso nessas localidades me proporcionou uma compreensão mais aprofundada das questões de gênero investigadas. Ao mesmo tempo, reconheço a importância de manter uma abordagem aberta e sensível, pronta para aprender e ajustar meu foco à medida que avanço em minha jornada de pesquisa.

Devido à proximidade geográfica entre essas duas cidades, localizadas na Amazônia brasileira, e ao fato de eu estar envolvido na pesquisa de campo e ter contato direto com as/os jovens das escolas selecionadas, a obtenção dos resultados foi facilitada. Buriticupu, minha cidade natal onde residi por um longo período, e Imperatriz, o atual local onde estudo e moro, proporcionaram uma acessibilidade mais eficiente ao campo de pesquisa. A partir da metodologia de análises bibliográficas e da interlocução com jovens estudantes do ensino médio, entendermos como estes e estas estão acessando as discussões sobre desigualdade de gênero e feminismo, nossa hipótese é que a “quarta onda feminista” defendida por Buarque de Hollanda (2018), na qual os ativismos se dão em sua maioria por meios digitais, pode se fazer presente entre jovens maranhenses.

Destaca-se a relevância de notar que a pesquisa se enquadra nas perspectivas que abrangem os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Dessa forma, a pesquisa



contribui diretamente para a realização dos ODS, especialmente o Objetivo 5, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

A pesquisa está alinhada com a Meta 5.1, que busca acabar com todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas em qualquer lugar. Isso significa que nosso estudo busca identificar todas as manifestações de discriminação de gênero, promovendo a igualdade de oportunidades e tratamento para mulheres e meninas em todos os aspectos da vida.

Além disso, nossa pesquisa também se relaciona com a Meta 5.2, que visa eliminar todas as formas de violência contra mulheres e meninas, tanto em âmbitos públicos quanto privados. Isso inclui o combate ao tráfico humano, exploração sexual e outras formas de violência de gênero. Dessa forma, nossa pesquisa está no contexto daquelas que aspiram para a construção de um mundo mais justo e igualitário para mulheres e meninas, no momento que ajuda nos processos de compreensão das estruturas que condiciona as desigualdades de gênero, assim como nas alternativas que visam alcançar os objetivos estabelecidos pela comunidade global para o desenvolvimento sustentável.

A pesquisa “Há uma 4ª onda do feminismo? Mulheres e homens jovens e as desigualdades entre os gêneros no Sudoeste do Maranhão” se propõe a olhar o passado próximo e entendê-lo para aprender, corrigir injustiças, valorizar conquistas, contextualizar lutas, desenvolver estratégias, construir solidariedade, desafiar narrativas dominantes e inspirar novas gerações de ativistas. Este estudo é especialmente relevante para entender as percepções que os e as jovens têm sobre as desigualdades de gênero. O feminismo, enquanto movimento social, absorve as mudanças sociais que ocorrem na sociedade. O uso de tecnologias no processo de comunicação e interação social é uma das mudanças pelas quais passou esse movimento social no passado recente. Compreender como as novas gerações usam a internet como instrumento de mobilização social é tarefa de suma importância, pois apontam mudanças no processo de construção de novas sociabilidades. Interessa-nos apreender e entender também como a escola e a família contribuem para jovens estarem inseridos nos debates sobre gênero. Nesse sentido, esta pesquisa colabora tangencialmente para compreensão da relação entre o uso das tecnologias de comunicação e o movimento feminista.

Os movimentos sociais, sob uma perspectiva analítica de rede, buscam representar as configurações emergentes da sociedade civil. Embora o uso de redes sociais tenha raízes históricas, seu avanço recente as posiciona como instrumentos fundamentais para análise e



formulação de políticas sociais, além de desempenharem um papel crucial nas mobilizações sociológicas. Neste cenário, o movimento de quarta onda feminista implica na investigação e compreensão das formas de articulação entre o âmbito local e global nas interações dos agentes sociais. Surge, então, a indagação: A sociedade atual está realmente vivenciando uma quarta onda do movimento feminista? A tecnologia será a força emancipadora que eliminará a distinção entre homens e mulheres, erradicando as desigualdades de gênero? Ou será a tecnologia o foco central da discriminação e divisão de gênero?

Para responder aos questionamentos e às indagações, nesse estudo empregou-se três abordagens metodológicas distintas. A primeira consistiu em uma pesquisa bibliográfica, orientada para a ampliação da compreensão do fenômeno do feminismo em suas diversas “ondas”. A segunda adotou uma perspectiva exploratória, realizando uma investigação de campo com o intuito de coletar dados que preenchessem lacunas identificadas no âmbito da pesquisa. Esta fase visou a elaboração detalhada de características do fenômeno em questão, bem como a identificação dos fatores a que influenciam. A terceira fase considerou a coleta e análise de dados quantitativos, a qual visa esclarecer por meio de uma investigação sistêmica os fatos evidentes.

Nesta pesquisa científica, procedeu-se à investigação textual mediante uma abordagem holística<sup>2</sup>, destacando os fundamentos do conteúdo em relação às categorias críticas. Nesse contexto, foi viável identificar em diversas autoras e obras os elementos históricos, sociológicos e políticos presentes nos conceitos e categorias pertinentes. A fundamentação teórica amparou-se principalmente em estudos, pesquisa, publicações de artigos científicos e obras de teóricas como Branca Moreira Alves (1985), Jacqueline Pitanguy (1985), Olympe de Gouges (1791), Mary Wollstonecraft (1792), Simone de Beauvoir (1949), Angela Davis (1981), Judith Butler (2003), bell hooks (1999), Judy Wajcman (2006), Donna Haraway (1985), Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Guacira Lopes Louro (1995), Ana Claudia Leal Felgueiras (2017), entre outras. As reflexões dessas teóricas desempenharam papel fundamental na concepção desta pesquisa.

---

<sup>2</sup> A abordagem holística fomenta a construção de uma visão de mundo e de homem integral, propondo-se a ter um olhar diferenciado sobre a realidade, e ampliando a visão que temos do mundo e nossa relação com ele, valorizando nossos potenciais humanos [...] Acreditando-se que o homem integral tem a capacidade de criar uma sociedade saudável, por essa perspectiva, aspiramos por uma educação mais integrada, inspirada nesse paradigma, respeitando as habilidades e percepções de cada um como ser único e valioso, educando com seu próprio mundo interior por meio das artes, do diálogo e de momentos de reflexão (Maia, Araújo, p. 19, 2018).



Ao analisar o estudo dos conteúdos em relação às obras das autoras mencionadas, a investigação foi orientada pela análise empírica, buscando articular a perspectiva teórica com os dados da realidade. As autoras incorporadas na pesquisa apresentam autoridade, embasamento e confiabilidade, destacando propostas relevantes para a delimitação do conhecimento sobre o tema. Este trabalho contribui para a compreensão, codificação e interpretação dos objetos de pesquisa, engajando-se e oferecendo subsídios para a resolução que possibilita uma compreensão mais aprofundada da problemática investigada.

Ao explorar e analisar as dinâmicas, interações e impactos do movimento feminista de quarta onda na sociedade contemporânea, adotando uma perspectiva analítica de rede. Este estudo visa compreender as complexas conexões entre os diversos atores, (os e as jovens da pesquisa) e elementos envolvidos nesse movimento, (os conceitos e categorias encontradas), destacando os efeitos que essa forma de ativismo tem sobre as estruturas sociais e as mudanças culturais. Além disso, busca-se identificar as transformações e inovações trazidas pelo feminismo de quarta onda, destacando seu papel na promoção da igualdade de gênero e na reconfiguração do panorama social.

A condução da pesquisa se deu por meio da aplicação presencial de questionários e formulários impressos no período compreendido entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023. A amostra foi composta por 105 estudantes da Educação Básica que residem nos municípios de Imperatriz e Buriticupu, matriculados em duas escolas estaduais: o Centro de Ensino Graça Aranha, localizado na área urbana de Imperatriz, e o Centro de Ensino Dr. Fernando Castro, situado na área urbana de Buriticupu. Para preservar a identidade dos participantes, os nomes das/os jovens interlocutores/as foram fictícios, e todos eles e elas forneceram seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A seleção dos estudantes foi realizada por meio das escolas onde estão matriculados, pertencentes à rede de ensino público estadual no Sudoeste maranhense, Região Nordeste do Brasil.

O processo de elaboração do instrumento de coleta de dados compreendeu quatro etapas distintas. Inicialmente, na primeira etapa, realizou-se uma fase de amadurecimento do objeto da pesquisa por meio de levantamento e revisão bibliográfica de artigos e livros. Subsequentemente, na segunda etapa, efetuou-se o primeiro contato com os estudantes do ensino médio, por meio da aplicação coletiva de questionários nas escolas selecionadas.



Na terceira etapa, promoveu-se uma mesa redonda com cinco participantes, sendo três do gênero feminino e dois do gênero masculino, em Imperatriz, no mês de maio de 2023. Contudo, ressalta-se que a realização desta etapa na localidade de Buriticupu foi inviabilizada devido a contratempos e disposições relacionadas às atividades escolares e ao desenvolvimento do projeto. Por fim, a quarta e última etapa envolveu a análise de dados, durante os meses de fevereiro a agosto de 2023, na qual as informações coletadas foram sistematizadas por escola para posterior elaboração de gráficos.

Os dados foram tabulados e apresentados em formato de tabelas e gráficos com o intuito de facilitar a análise e interpretação. Esta metodologia visual simplifica a identificação do/s/as interlocutores/as, enquanto a organização sistemática dos dados permite a exploração abrangente de vários aspectos do tema ou fenômeno em estudo.

No contexto das tabelas, os dados foram dispostos em colunas verticais e linhas horizontais, incorporando elementos essenciais e complementares. Os gráficos em setores, por sua vez, utilizaram dados para representar a distribuição de uma variável qualitativa. Dessa forma, a seleção criteriosa e a elaboração eficiente de tabelas e gráficos desempenham um papel crucial na comunicação clara, efetiva e impactante dos resultados da pesquisa.

Ressalta-se que uma análise abrangente de todo o material coletado não foi conduzida, visto que inúmeras outras indagações poderiam ser deduzidas a partir do corpus de dados em questão. Optou-se, no entanto, por focalizar nas questões diretamente relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa, proporcionando uma abordagem mais direcionada e alinhada aos propósitos do estudo.

Portanto, o estudo da “quarta onda feminista” representa uma nova fase do movimento, caracterizada por mudanças significativas no contexto sociocultural e tecnológico. Revisitarmos os ideais de grandes feministas do passado recente, como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, percebemos a urgência de pautas como igualdade política, acesso à educação e liberdade de expressão, propostas por elas. No entanto, a luta feminista mudou consideravelmente desde então. Simone de Beauvoir e Angela Davis, por exemplo, revisitaram questões relacionadas à independência econômica das mulheres e ao ativismo como ferramenta para promover mudanças sociais.

Nesse contexto, as contribuições de Judith Butler e bell hooks são fundamentais. Enquanto Butler integra uma análise interseccional em sua abordagem feminista, hooks defende



o feminismo interseccional como essencial para entender verdadeiramente as formas de opressão na sociedade. Além disso, Heloisa Buarque de Hollanda destaca a importância do feminismo nas mídias e redes sociais, contribuindo significativamente para o movimento feminista no Brasil. E como um grande nome que vem se destacando no feminismo contemporâneo, que não se distancia das pautas de grandes teóricas, Larissa Pelúcio tem contribuído para a reflexão sobre as interseções entre gênero, raça, classe e sexualidade no contexto brasileiro, destacando como essas dimensões se entrelaçam para produzir experiências específicas de opressão e marginalização para diferentes grupos de mulheres.

Seu trabalho também aborda questões fundamentais do feminismo contemporâneo, como a luta pela autonomia reprodutiva, o combate à violência de gênero e a promoção da igualdade de direitos. Por meio de suas pesquisas e ativismo acadêmico, Pelúcio tem contribuído significativamente para o avanço dos estudos feministas no Brasil e para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres.

A “quarta onda feminista” oferece uma oportunidade para reexaminar essas questões à luz das mudanças sociais e culturais contemporâneas, como a representação feminina na mídia, violência de gênero, representação e diversidade, ecofeminismo, feminismo interseccional, etc. É importante ressaltar que o ativismo feminista de hoje difere em muitos aspectos do passado, considerando especialmente a interseccionalidade das lutas, reconhecendo a interseção com raça, classe, sexualidade e outros aspectos das identidades.

Entender como as mídias sociais e a tecnologia são empregadas pelas feministas é fundamental para avaliar a abrangência e eficácia do ativismo contemporâneo, destacando a relevância e urgência do estudo da “quarta onda feminista”. Três teóricas fornecem perspectivas importantes para essa investigação. Sadie Plant (1996) foi uma das pioneiras a explorar o ciberfeminismo, uma categoria que investiga as interseções entre gênero, tecnologia e cultura digital. Plant examina como as novas tecnologias, especialmente a internet, podem ser espaços de empoderamento para as mulheres, enquanto também evidencia os desafios e desigualdades de gênero presentes nesses ambientes.

Donna Haraway é reconhecida pelo seu ensaio "Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista no Final do Século XX" (1985), onde introduz o conceito de ciborgue como uma figura que transcende as divisões tradicionais entre humano e máquina,



natureza e cultura, e gênero. O ciborgue, para Haraway, representa uma possibilidade de resistência às hierarquias de poder e uma forma de subversão das normas sociais dominantes.

Por fim, Judy Wajcman (2006) examina como as tecnologias são influenciadas por questões de gênero e como elas afetam homens e mulheres de maneiras diferentes. Ela destaca a importância de uma abordagem sensível ao gênero na análise do uso, desenvolvimento e impacto das tecnologias.

A quarta onda feminista enfrenta desafios únicos, como o ressurgimento do conservadorismo, a disseminação de discursos de ódio online e a erosão dos direitos das mulheres em alguns contextos, que Wajcman explora em seus estudos.

Por fim, a pesquisa segue uma estrutura padrão, começando por essa introdução, onde são apresentados o tema, o problema de pesquisa, o objetivo geral e a metodologia utilizada, detalhando os métodos, procedimentos, participantes e análises estatísticas. Em seguida, é delineado o *locus* da pesquisa, ou seja, o local específico onde o estudo é conduzido e concentrado. A revisão da literatura aborda trabalhos anteriores relevantes sobre o tema, discutindo teorias, conceitos-chave e lacunas na literatura que o estudo atual pretende abordar. Os resultados e discussões apresentam os principais achados da pesquisa, acompanhados por tabelas, gráficos e citações diretas das/os participantes, todos relacionados às questões de pesquisa e contextualizados com a literatura existente. A conclusão resume os principais resultados do estudo e destaca sua importância, enquanto as referências listam todas as fontes citadas no artigo, seguindo um formato de citação específico.

## **2. DESIGUALDADE DE GÊNERO: UM ESTUDO EM IMPERATRIZ E BURITICUPU, NO MARANHÃO.**

Imperatriz e Buriticupu, municípios situados no Sudoeste Maranhense, evidenciam características marcantes de tradições patriarcais, as quais permeiam toda a Região Nordeste do Brasil. Essas tradições se manifestam no cotidiano, refletindo aspectos relevantes da desigualdade de gênero e delineando a posição das mulheres em relação aos homens. Tais disparidades abrangem não apenas a esfera de gênero, mas também englobam o acesso desigual as oportunidades, as liberdades e aos acessos.



Imperatriz, como o segundo maior entreposto comercial, energético, econômico, político e cultural do estado, desempenha um papel crucial na dinâmica maranhense. Com uma população estimada em 273.110 habitantes (IBGE, 2022), a cidade se estende ao longo da margem direita do rio Tocantins, sendo atravessada pela Rodovia Belém-Brasília (BR-010), na divisa com o estado do Tocantins. No contexto da região metropolitana do Sudoeste maranhense, Imperatriz se destaca por sua economia diversificada, que engloba desde a produção de soja em Balsas, no Sul do Maranhão, até a extração de madeira na fronteira com o Pará, a siderurgia em Açailândia e a agricultura familiar no restante do estado. Esse cenário confere a Imperatriz o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do Maranhão, alcançando a marca de R\$ 7.230.564,31 bilhões, posicionando-se como o 165º maior do Brasil, sendo superada apenas pela capital São Luís (IBGE, 2022). Balsas ocupa, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2022), o terceiro maior produto interno bruto maranhense, estando atrás apenas da capital São Luís e Imperatriz. Açailândia, um importante polo agroindustrial que desempenha um papel vital não apenas no Maranhão, mas em toda a Região Nordeste, possui o quarto maior PIB do estado.

No âmbito religioso, Imperatriz apresenta uma diversidade de crenças, com 62,4% da população se identificando como Católicos Apostólicos Romanos, 25,6% como evangélicos, 5,8% se identificam com outras religiões, isso inclui afro-brasileiras, espíritas, budistas, entre outras, e uma parcela de 6,2% que declara não ter religião (IBGE, 2022). Essa pluralidade religiosa compõe a estrutura sociocultural da cidade, influenciando diferentes aspectos da vida cotidiana.

Imperatriz, revela-se como um centro urbano de médio porte com uma dinâmica sociopolítica particularmente interessante no que diz respeito à organização das mulheres. É fundamental desvendar como as mulheres dessa cidade articulam suas agendas, debates e espaços de encontro, sejam eles físicos ou virtuais. Esta investigação se estende às redes de sociabilidade formadas por mulheres de Imperatriz, tanto aquelas que se identificam como parte do movimento feminista quanto as que, embora não adotem essa denominação, compartilham pautas em prol da igualdade de gênero.

O movimento feminista presente em Imperatriz, desempenha um papel significativo na transformação de comportamentos e mentalidades que antes perpetuavam a subordinação feminina como algo inquestionável. Ao longo do tempo, o movimento contribuiu para desafiar



e reconfigurar essas ideias, enquanto a rede de políticas públicas se desenvolveu e se estrutura em resposta às demandas dessas lutas. No entanto, as mudanças estão em constante processo e o movimento feminista local continua ativo, adaptando-se aos desafios emergentes e buscando novas formas de promoção da igualdade de gênero. Enquanto persistirem as desigualdades entre homens e mulheres, o feminismo continuará a existir e se adaptar, refletindo as demandas e necessidades de seu tempo (Viana, 2022).

Ao observar de perto as dinâmicas do movimento feminista em Imperatriz, é essencial reconhecer não apenas suas vitórias, mas também os desafios contemporâneos que persistem. Apesar dos avanços significativos na conscientização sobre questões de gênero e na promoção da igualdade, ainda persistem obstáculos como a violência doméstica, a disparidade salarial e a escassez de representação feminina em posições de liderança. Portanto, as ações do movimento feminista em Imperatriz continuam a ser importantes para abordar esses desafios, incluindo o apoio às vítimas de violência, a promoção de políticas que garantam igualdade de oportunidades no mercado de trabalho e o estímulo à participação política das mulheres. Além disso, é crucial que o movimento considere as interseccionalidades de gênero, reconhecendo as diferentes formas de opressão que as mulheres enfrentam com base em raça, classe, orientação sexual e outras identidades (Viana, 2022).

Outro aspecto relevante é o envolvimento dos homens nessas lutas feministas, entendendo que a busca pela igualdade de gênero é uma responsabilidade compartilhada e que o engajamento masculino é fundamental para desconstruir as estruturas sociais patriarcais.

Ao analisar o movimento feminista em Imperatriz, é crucial adotar uma abordagem abrangente que leve em conta não apenas suas conquistas passadas, mas também os desafios presentes e futuros, e reconheça a importância da colaboração entre diferentes grupos sociais na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Diante das múltiplas melhorias a serem implementadas e da escassez de profissionais qualificados para atender às vítimas de violência de gênero, destaca-se a importância do Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), da Casa da Mulher Maranhense (CMM) e da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres (SMPM) no contexto do combate à violência em Imperatriz. Essas instituições desempenham um papel crucial na oferta de suporte e assistência às mulheres em situação de vulnerabilidade na cidade.



É fundamental examinar como questões como a violência doméstica, tão presente na vida de muitas mulheres imperatrizenses, emergem e servem como variáveis importantes para reflexão sobre a desigualdade de gênero. Assim como ocorre em grande parte das cidades brasileiras, as mulheres em Imperatriz enfrentam diariamente a preocupação com as infraestruturas sociais disponíveis para lidar com esse grave problema.

Torna-se imprescindível ampliar os esforços na melhoria e ampliação desses serviços, garantindo que as mulheres tenham acesso adequado a apoio e proteção diante da violência de gênero. Além disso, é necessário promover uma cultura de respeito e igualdade, investindo em educação e conscientização para prevenir a violência e promover relações saudáveis e equitativas entre os gêneros.

Buriticupu, por sua vez, possui uma história peculiar, divergindo da maioria dos municípios brasileiros. Sua formação não foi espontânea, mas sim resultado de um Projeto de colonização executado a partir de 1973, durante a gestão do Governador Pedro Neiva de Santana. Antes dessa intervenção, a região já era habitada por indígenas Guajajara e Guajá, que haviam fugido do litoral maranhense em 1940. Atualmente, restam poucas pessoas dessas comunidades na terra indígena Araribóia. Com uma população estimada em 55.507 habitantes (IBGE, 2022), Buriticupu testemunhou transformações ao longo de seus 29 anos de emancipação política e seus 50 anos de colonização. A economia da cidade, inicialmente sustentada pela indústria madeireira, passou a depender, ao longo do tempo, da agricultura familiar, agropecuária, comércio e administração pública. O PIB de Buriticupu atingiu a cifra de 668.740,45 milhões (IBGE, 2022), refletindo o impacto dessas mudanças na estrutura econômica local.

No contexto religioso, Buriticupu apresenta uma predominância de 54,2% de Católicos Apostólicos Romanos, 32% de protestantismo evangélico, 5% religiões afro-brasileiras e outras e 8,8% sem filiação religiosa (IBGE, 2022) esses números mostram a predominância do catolicismo e do protestantismo evangélico, refletindo um perfil religioso similar ao de muitas outras cidades da região Nordeste do Brasil. Essa diversidade de crenças contribui para a construção da identidade cultural da cidade, influenciando aspectos históricos, sociais, culturais e comunitários. Em ambos os municípios, as tradições patriarcais e as nuances sociais evidenciam a necessidade de uma abordagem crítica e analítica para compreender as dinâmicas



que moldam a vida dessas comunidades, proporcionando *insights* importantes para o desenvolvimento de políticas públicas mais equitativas e inclusivas.

Buriticupu permanece distante no que diz respeito à discussão e contribuição de pautas relacionadas às desigualdades de gênero. Nessa região, é notável o domínio de um marcado conservadorismo, que atravessa tanto as estruturas sociais, quanto as políticas. A cidade ainda carrega fortes traços do conservadorismo religioso, dificultando avanços significativos em termos de igualdade de gênero. É imprescindível que se promova uma mudança nesse cenário, visando a inclusão, o respeito e a igualdade de oportunidades para todos e todas, independentemente de seu gênero ou origem. O Ministério Público do Maranhão lançou em Buriticupu o projeto "Fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero", realizado na sede do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) (2022), com a presença de membros do MPMA, representantes de outras instituições do sistema de justiça, do Executivo Municipal e das polícias Civil e Militar.

O objetivo foi propor o fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, em parceria com órgãos do sistema de justiça, do município e da segurança pública, para implementar políticas públicas e enfrentar a violência de gênero em Buriticupu, considerando sua realidade local. Entre as propostas, destaca-se a implantação da Patrulha Maria da Penha e a criação de grupos reflexivos para homens envolvidos em violência doméstica. Durante o lançamento do projeto, foi assinado um protocolo de intenções para criar a Rede de Proteção à Mulher, contando com a adesão do Poder Judiciário, da Defensoria Pública do Estado, da Ordem dos Advogados do Brasil, das polícias Civil e Militar e da Prefeitura de Buriticupu.

A finalidade da Rede de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher é articular, monitorar e avaliar políticas, programas, serviços e ações para melhorar o atendimento integral às mulheres em situação de violência, bem como propor ações conjuntas para reduzir as desigualdades sociais, de gênero e étnico-raciais, visando à diminuição dos índices de violência contra as mulheres.

Em Buriticupu, o movimento de mulheres e homens feministas ainda é pouco visível para a população civil e para o poder político. A cidade, marcada por uma forte influência de valores tradicionais, enfrenta desafios significativos na promoção da igualdade de gênero e no combate à violência contra as mulheres.



Apesar das iniciativas recentes, como o lançamento do projeto "Fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero" pelo Ministério Público do Maranhão (2022), ainda há uma necessidade urgente de aumentar a conscientização e o engajamento da comunidade em questões de gênero e feminismo.

É crucial que se promovam mais espaços de diálogo, educação e sensibilização sobre os direitos das mulheres e a importância do feminismo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Somente através da colaboração e do apoio de todos os setores da sociedade, incluindo o poder político, será possível impulsionar mudanças significativas em Buriticupu em direção a uma cultura de respeito, equidade e inclusão de gênero.

### **3. METÁFORA DA ONDA: UMA ABORDAGEM ÚTIL PARA COMPREENDER O FEMINISMO?**

Arrisca-se falar no movimento feminista como ondas, que vem e vão, desaparecem para depois voltarem mais fortes (Duarte, 2017, p. 27), ou em gerações (Reger, 2014). A metáfora da onda pode ser uma abordagem útil para compreender o feminismo. Essa metáfora sugere que o movimento feminista ocorre em períodos de intensa atividade e visibilidade, seguidos por períodos de relativa calma. Assim como uma onda, o movimento feminista tem momentos de aumento de energia e visibilidade, seguidos por períodos de menor atividade, mas ainda há um movimento constante em direção à igualdade de gênero. Essa comparação ajuda a perceber que o avanço pode não seguir uma trajetória direta e que distintas questões e obstáculos podem surgir em diferentes períodos históricos. Assim como pontua Ilze Zirbel

[...] a metáfora da onda possui uma força imagética capaz de criar conexões com o passado e com o futuro em meio à luta de variadas gerações de feministas, em sua grande diversidade, resistência, criatividade e força. [...] a metáfora da onda nos permite pensar, igualmente, que o feminismo não desaparece nos momentos em que não há grande movimentação na cena pública, mas segue em atividade, possivelmente re-organizando-se e ganhando suficiente força para um novo e significativo avanço. Tempos de "calmaria" (ou de perseguição e silenciamento) não implicam, necessariamente, o fim da indignação, da esperança e do desejo de melhorar as condições de vida materiais e simbólicas nas quais nos encontramos (Zirbel, 2021, p. 27).

Assim como as ondas do mar, o movimento feminista tem ciclos de atividade intensa e calma relativa. Durante os picos de atividade, como as primeiras e segundas ondas feministas, há um aumento significativo na conscientização, mobilização e conquistas em



termos de direitos das mulheres. Por outro lado, nos períodos de calma, pode parecer que o movimento está estagnado ou menos ativo, mas ainda há trabalho acontecendo nos bastidores, preparando o terreno para a próxima onda de mudança.

Como uma onda que se forma lentamente, o movimento feminista muitas vezes começa com pequenos grupos de ativistas e intelectuais que desafiam as normas sociais e políticas estabelecidas. Conforme esses grupos ganham força e se unem, eles se tornam uma força poderosa de mudança, capaz de desafiar sistemas de opressão e instituições patriarcais.

Embora uma onda possa quebrar na costa e parecer se dissipar, ela deixa um impacto duradouro na paisagem. Da mesma forma, mesmo quando o ativismo feminista parece diminuir, suas conquistas e ideias continuam a moldar a sociedade e a cultura. Os direitos conquistados durante as ondas anteriores, como o direito ao voto e a igualdade no local de trabalho, tornam-se parte integrante da sociedade e servem como base para futuras lutas feministas.

As águas estão sempre em movimento, o feminismo também está em constante evolução. Novas questões e desafios continuam a surgir, exigindo respostas e ações do movimento feminista. Da mesma forma que uma onda se forma a partir de uma combinação complexa de fatores, como vento, marés e topografia, novas ondas feministas podem surgir de uma variedade de fontes, incluindo mudanças na cultura, avanços tecnológicos e eventos políticos.

A metáfora da onda oferece uma maneira poderosa de entender a natureza dinâmica do movimento feminista, destacando sua capacidade de se adaptar, crescer e criar mudanças significativas ao longo do tempo.

### 3.1 “QUARTA ONDA” E AS PRINCIPAIS CORRENTES FEMINISTAS

Ao buscar o feminismo por uma ótica de periodização, encontramos na literatura uma divisão do movimento por “ondas”, primeira, segunda e terceira, estas são definidas não só pelos seus recortes temporais, mas também por suas pautas principais. Historicamente é possível classificar quatro momentos distintos do movimento feminista. Felgueiras (2017) traz uma visão geral da evolução histórica do movimento feminista, que periodiza desde o movimento sufragista pelo direito ao voto até as lutas atuais como a liberdade sexual e do corpo feminino, que mostra que as manifestações feministas têm outra face, a partir do viés tecnológico.



### 3.2 A primeira onda do feminismo

Seu início datado no século XIX, naquele contexto o surgimento do movimento, ou seja, durante a Revolução Francesa e a Segunda Revolução Industrial. Nesse contexto a principal pauta do movimento pode ser caracterizada pela luta por direitos básicos, portanto, entra as reivindicações por igualdade no mercado de trabalho, pelo sufrágio feminino, à propriedade e à igualdade perante a lei e por uma relação mais igual no casamento. Duas teóricas que marcaram esse período e que contribuíram para a luta feminista foram: Olympe de Gournay, na França, e Mary Wollstonecraft, na Inglaterra.

Alguns marcos importantes desse período incluem a Convenção de Seneca Falls em 1848, nos Estados Unidos, que foi a primeira convenção pelos direitos das mulheres e onde foi redigida a "Declaração de Sentimentos", que reivindicava a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Outros países também viram movimentos semelhantes, como o Reino Unido, onde as sufragistas lutaram pelo direito ao voto.

Embora a primeira onda do feminismo tenha alcançado alguns sucessos significativos, como o direito ao voto em muitos países, muitas questões de desigualdade de gênero persistiram e continuaram a ser enfrentadas nas ondas subsequentes do feminismo. Estados Unidos, de 19 a 20 de julho de 1848. Foi o primeiro encontro de destaque pelos direitos das mulheres na história dos Estados Unidos e é frequentemente considerado o marco inicial do movimento feminista moderno. Organizado principalmente por Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott, Martha Coffin Wright, Mary Ann McClintock e Jane Hunt, a Convenção de Seneca Falls atraiu cerca de 300 participantes, incluindo muitas mulheres e alguns homens que apoiavam a causa dos direitos das mulheres. Durante a convenção, foi redigida e apresentada a "Declaração de Sentimentos", que foi fortemente inspirada na Declaração de Independência dos Estados Unidos. A "Declaração de Sentimentos" afirmava a igualdade de direitos entre homens e mulheres e listava várias reivindicações específicas, incluindo o direito ao voto, à propriedade e à educação, entre outros (Zaniboni, 2018).

Para a pesquisadora Zaniboni (2018) embora a Convenção de Seneca Falls não tenha gerado mudanças imediatas na legislação ou na sociedade, ela marcou o início de um movimento organizado pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos e serviu como um catalisador para futuras atividades e conquistas feministas, portanto:



É necessário evidenciar que a cronologia da trajetória sufragista está ligada, primeiro, às mulheres de elite e depois, quando o movimento se populariza, às mulheres de classe média branca. Por ser tratar de um movimento em prol das mulheres, pode-se, por um instante, acreditar que todas elas estejam vivendo em situação parecida, mas o processo de formação dos Estados Unidos mostra que nem todas as mulheres eram tratadas de forma igual. A nível de comparação, enquanto as mulheres brancas do Reino Unido, antes dos levantes dos movimentos sufragistas, eram vistas como seres calmos, delicados e indefesos, as mulheres negras que foram escravizadas e trazidas à força para a América eram vistas como fortes, brutas, ou seja, a versão completamente inversa. Logo, falar sobre como as mulheres eram vistas na sociedade norte-americana se torna algo mais complexo, pois as mulheres brancas eram vistas de uma maneira, enquanto as negras de outra totalmente oposta (Zaniboni, 2018, p. 28).

As lutas feministas também chegaram ao Brasil trazendo pontos importantíssimos para a luta do movimento, o acesso à educação, voto feminino, o mercado de trabalho, e vale lembrar que nessa época a luta dos movimentos feministas, era composta por mulheres brancas, cultas e de classe média alta (Rocha, 2017). No entanto, mulheres negras e pobres também estavam ativamente envolvidas na luta por igualdade de gênero, embora enfrentassem desafios adicionais devido ao racismo e à pobreza estrutural, as mulheres pretas e pobres desempenharam papéis significativos, embora muitas vezes suas contribuições tenham sido marginalizadas ou negligenciadas nas narrativas históricas dominantes. É importante reconhecer que as mulheres pretas e pobres muitas vezes enfrentavam marginalização e discriminação no próprio movimento feminista da primeira onda. Muitas das líderes e ativistas desse movimento eram mulheres brancas da classe média, e suas prioridades e perspectivas nem sempre refletiam as experiências e necessidades das mulheres negras e pobres.

### 3.3 A segunda onda do feminismo

Identificada a partir dos anos 1960, no contexto de Guerra Fria, Ditadura na América Latina e as Revoluções Culturais. Desse período nasceram duas das mais conhecidas feministas da história: Simone de Beauvoir, branca, francesa e autora do livro “O Segundo Sexo” (1949) e Angela Davis, negra, estadunidense, autora, entre outras obras de “Mulheres, Raça e Classe” (1981). Naquele contexto, as principais reivindicações das feministas diziam respeito às questões sobre liberdade e autonomia da mulher para decidir sobre seu próprio corpo, trazendo também discussões sobre a sexualidade. Foi, inclusive, nesse período que se popularizaram as discussões e debates sobre a distinção entre sexo e gênero, que ainda é bastante atual.



Algumas figuras proeminentes desse período também incluem Betty Friedan, Gloria Steinem, co-fundadora da revista *Ms*<sup>3</sup>. A segunda onda do feminismo teve um impacto duradouro na sociedade e continuou a moldar o debate sobre igualdade de gênero até os dias atuais. Friedan argumentava que as mulheres eram frequentemente insatisfeitas e frustradas em suas vidas domésticas e profissionais devido às expectativas sociais restritivas e ao ideal de feminilidade da época. Ela criticava o "mito feminino", uma ideologia que defendia a ideia de que as mulheres encontrariam satisfação e realização apenas através do casamento, da maternidade e do lar. Assim

Em 1963, Betty Friedan publicou *A mística feminina*, apontando o papel da publicidade e do sistema educacional no convencimento e restrição das mulheres às tarefas domésticas. Friedan discursava, igualmente, o "mal que não tem nome", vivido como um sentimento de perda de sentido da vida e identidade pelas mulheres restritas ao modelo da mulher "do lar". O livro foi editado inúmeras vezes e traduzido para outras línguas. Nas décadas seguintes houve uma explosão de livros e textos feministas em vários países, abordando temas distintos e variados. A arte feminista também irrompeu na forma de filmes, músicas, peças de teatro, instalações... (Zirbel, 2021, p. 16-17).

No Brasil o movimento feminista da segunda onda, era ambientado em um momento histórico autoritário e agressivo diante do qual, muitos movimentos foram reprimidos e impedidos de se expressarem. Vale lembrar que, mesmo que os movimentos sociais não confrontassem diretamente os militares, naquele momento estavam ocorrendo várias manifestações artísticas que estavam desafiando a ditadura, assim a pesquisadora Felgueiras (2017) situa que:

Durante os anos de ditadura militar as mulheres resistiram de diferentes formas, no movimento estudantil, sindicatos partidos políticos, se organizaram em clubes de mães, associações de bairros, comunidades religiosas, em movimentos contra a carestia e por mais creches e até mesmos, pegaram em armas na tentativa de derrubar o regime militar. Mas é preciso ressaltar que a participação feminina junto a resistência à ditadura nem sempre se deu por um viés exatamente feminista; pois,

<sup>3</sup>A revista *Ms*. é uma publicação feminista norte-americana co-fundada por Gloria Steinem e Dorothy Pittman Hughes em 1972. Betty Friedan, embora uma figura central no movimento feminista da época e autora de "The Feminine Mystique," não foi diretamente envolvida na fundação da revista, mas seu trabalho influenciou seu conteúdo e objetivos. *Ms*. foi lançada em um momento crucial do movimento feminista nos Estados Unidos, buscando dar voz às questões de gênero, igualdade, e direitos das mulheres. Primeira Edição: A primeira edição, lançada em 1972, foi um sucesso imediato, esgotando rapidamente e marcando um ponto de virada na visibilidade do movimento feminista. Legado Duradouro: Ao longo das décadas, *Ms*. continuou a ser uma voz influente no feminismo, adaptando-se às mudanças sociais e políticas, e permanecendo relevante para novas gerações de leitores (Zirbel, 2021).



durante este período a principal luta era oposição ao regime militar e não necessariamente a luta por igualdade entre os sexos. Essa participação das mulheres na luta armada simbolizava não apenas o desejo de ir contra a ordem social estabelecida, como também, representou uma revolução com o que era designado para a mulher (Felgueiras, 2017, p. 115).

### 3.4 A terceira onda do feminismo

Datada na década de 1980 no contexto Pós-Guerra Fria. Nesse período, as feministas começaram a debater alguns aspectos impostos pelo movimento nas “ondas” anteriores. Uma das questões discutidas foi sobre a necessidade de a mulher ser feminina, ou seja, o conceito de feminilidade. Outras questões que começaram a ser debatidas foram o gênero fluido, não binário, interseccionalidade e a Teoria Queer. Dois nomes de referência dessas discussões naquele momento e que repercutem até hoje, são: Judith Butler e bell hooks. Algumas líderes destacadas da terceira onda do feminismo também incluem Kimberlé Crenshaw e Rebecca Walker. Este período testemunhou o surgimento de diversas vertentes no feminismo, evidenciando a riqueza de perspectivas e abordagens no movimento feminista contemporâneo.

Oliveira (2018) comenta que essa terceira onda visou superar algumas mudanças das ondas anteriores, no Brasil esse terceiro momento do feminismo ecoa com um significativo avanço, mesmo havendo grandes mudanças a serem feitas. O movimento feminista brasileiro muito colaborou para a instituição da Lei Maria da Penha (2006), dispositivo legal que tenta coibir a violência contra mulher por meio da punição de seus agressores, a lei é reconhecida em vários países do mundo como uma das melhores legislações para proteção da mulher.

### 3.5 Quarta onda do feminismo?

Recentemente, pesquisadoras e pesquisadores começaram a questionar se estaríamos vivenciando uma “quarta onda do feminismo”. Deste modo, com início a partir dos anos 2010/2015, em um contexto marcado pelo desenvolvimento digital e tecnologias de comunicação instantânea, os movimentos sociais passaram a usar as redes como ferramenta para divulgação de suas pautas e agenciamento de seguidores. Dessa forma, é através das redes sociais e blogs, sites e demais ferramentas que a nova geração de feministas se encontra para expor suas ideias, portanto, é nesse viés que ocorre as demandas e as agendas do movimento feminista de quarta onda, com a inclusão de novos temas, e a discussão de temas já consolidados



como a diversidade sexual, racial, violência doméstica, assédio, questionamento da maternidade como obrigação, etc. Com as novas tecnologias de comunicação em massa, os relacionamentos, o consumo, o trabalho e muitas outras dimensões da vida humana foram repensadas e modificadas. Holanda (2018), uma das principais pesquisadoras da atualidade sobre o feminismo, se coloca a favor desse fenômeno, chamando-o de “quarta onda do feminismo”.

Sou uma feminista da terceira onda. Meu jeito e minhas estratégias não são as que vejo em cena aberta. [...] O feminismo hoje não é o mesmo da década de 1980. [...] Vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução (Holanda, 2018, p. 12).

Para a pesquisadora Holanda (2018) houve um acontecimento “forte” nas redes sociais, como: *Twitter, Instagram, Facebook, YouTube, WhatsApp e Blogs* que mobilizam a discussão sobre gênero para públicos até então de fora do debate. Esse acontecimento evidencia a forma diferente como os jovens manifestam-se sobre as questões de desigualdade de gênero, confirmando a presença de jovens mobilizados a se manifestar a favor das mulheres com *hashtags*<sup>4</sup> como: #MeToo #NãoéNão, #AgoraÉqueSãoElas, #Supervisor, #IndiqueUmaMina, #VamosJuntas?, #NãoTiraBatomVermelho, #MarchaDasVadias, etc. Para Holanda (2018) é plausível efetivar a emergência desse fenômeno, portanto, havendo um ativismo digital nas mídias sociais, que Plant (1996) chamou *ciberfeminismo*,<sup>5</sup> conceito criado por Sadie Plant, concentra-se no impacto das tecnologias digitais e na promoção da autonomia feminina, uma vez que cria um espaço de conflito pelo reconhecimento. Ainda que ganhar as ruas seja importante para consolidar o ativismo feminista, a quarta onda faz intenso uso das redes sociais, termo utilizado para descrever diversificados “agrupamentos sociais online”, firmados a partir

<sup>4</sup> As *hashtags* (do inglês, hash:# e tag:etiqueta) possibilitam tanto identificar como agrupar conteúdos, facilitando pesquisas correlatas. Basta colocar o símbolo # adiante de alguma palavra-chave ou frase e ela irá automaticamente ser agrupada a todas as outras similares utilizadas na plataforma. Este sistema de indexação surgiu no Twitter, em 2009, e logo foi adotado por grande parte das mídias sociais. Mas o uso para fins de movimentação política massiva foi documentado pela primeira vez durante as eleições iranianas de 2009-10 (COSTA, MOURA, 2014).

<sup>5</sup> O *ciberfeminismo*, segundo Plant (1996), escritora e filósofa inglesa, é “uma aliança entre as mulheres, a maquinaria e as novas tecnologias. Existe uma velha relação entre a tecnologia da informação e a libertação das mulheres” nome formado pela junção dos termos feminismo e cibernético (PLANT, 1996 apud, PINHEIRO, 2021, p. 86).



de interesses comuns (Martino, 2014, p. 58). Percebe-se então como é possível a ocorrência de um feminismo de “quarta onda” colocando os jovens no cerne da luta pela equidade de gênero, usando meios tecnológicos de informação como principal meio de articulação.

Assim, para compreender como um fenômeno de "quarta onda" pode estar se desenvolvendo, destaco dois marcos que ocorreram durante os estágios da polarização das hashtags na internet: a #MarchaDasVadias e #MeToo. Estes eventos são emblemáticos para se refletir sobre o papel do movimento feminista nas redes sociais, emergem como marco significativo, destacando-se como movimentos simbólicos que ganharam visibilidade e repercussão consideráveis online. Quando falamos que no século XXI as mulheres ainda não são donas dos seus próprios corpos, a sociedade, em específico os homens, brancos, cis e héteros ainda ditam o que as mulheres devem vestir, e como se comportar e que para a sociedade como um todo, a comoção pelo sofrimento de uma mulher somente ocorre quando esse corpo é violado, às vezes morto, parece inacreditável. Foi como reação a um episódio de extrema violência contra a mulheres que se iniciou a Marcha das Vadias<sup>6</sup>, manifestação de mulheres que tem como marco o episódio do estupro sofrido pela universitária Jaclyn Friedman ocorrido na Universidade de Toronto, Canadá em 2011. O movimento se popularizou na internet e unificou, mesmo que virtualmente, mulheres em torno dessa agenda. Ao explorar o impacto dessa marcha nas plataformas digitais, percebemos como as redes sociais desempenharam um papel fundamental na amplificação da mensagem e na mobilização de indivíduos ao redor do mundo. A hashtag associada à Marcha das Vadias tornou-se um instrumento poderoso para disseminar informações, promover o diálogo e unir pessoas em torno da causa. No Brasil, São Paulo foi a primeira cidade a organizar uma marcha, em 2011, adotando o termo “vadias”. Aconteceu uma repercussão em grande escala e com muita rapidez, isso fez com que a marcha se propagasse por todo o país, e que a juventude se mobilizasse através das redes tecnológicas de comunicação, mostrando, assim, as possibilidades que as novas tecnologias oferecem ao ativismo político. No segundo ano da Marcha das vadias, em 2013, em todas as regiões do

---

<sup>6</sup> A Marcha das vadias é um protesto feminista que ocorre em várias cidades do mundo. Começou em Toronto, em 2011, como reação à declaração de um policial, em um fórum universitário sobre segurança no campus, de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como sluts (vagabundas, putas, vadias). Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira Slutwalk de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos. (GOMES, SORJ, 2014, p. 437).



Brasil aconteceram protestos tendo as redes sociais como instrumento para mobilizações, como *Facebook, Twitter, Youtube, Blogues e E-mails* (Gomes, Sorj, 2014).

O movimento #MeToo é um movimento social global que surgiu em 2017 para denunciar e combater o assédio sexual e a violência contra as mulheres. Ele ganhou destaque nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, quando a atriz norte-americana Alyssa Milano encorajou as pessoas a compartilharem suas próprias experiências de assédio sexual, utilizando a hashtag #MeToo.

Desde então, o movimento cresceu e se espalhou para diversos países ao redor do mundo, abordando não apenas o assédio sexual, mas também questões como discriminação de gênero, desigualdade salarial e violência doméstica. Muitas figuras públicas, tanto mulheres quanto homens, têm se pronunciado em apoio ao movimento, e várias indústrias têm sido impactadas por denúncias de assédio sexual e abuso de poder.

O #MeToo desempenhou um papel significativo na conscientização sobre a prevalência do assédio sexual e na pressão por mudanças nas políticas e na cultura para prevenir tais comportamentos e proporcionar justiça às vítimas. No entanto, também tem sido objeto de debate em relação a questões como devida diligência na investigação de acusações e presunção de inocência. Em última análise, o movimento trouxe à tona questões importantes sobre poder, gênero e justiça em muitas sociedades ao redor do mundo.

Esses fenômenos nas redes sociais não apenas elevou a conscientização sobre questões relacionadas à igualdade de gênero, mas também evidenciou a capacidade das plataformas online de catalisar movimentos sociais e inspirar ações tangíveis offline. A Marcha das Vadias e Me Too, assim, não se limitam a um evento físico, mas transcende para um espaço virtual, onde as discussões persistem, as vozes são amplificadas e o ativismo floresce. As discussões geradas naqueles momentos fizeram parte da construção e da atuação do movimento, cooperando para a continuação da pluralidade feminista, principalmente na internet, onde grande parte da população jovem se faz presente. Portanto, no início dos anos 2010 deu-se início a uma grande agenda dos coletivos feministas na internet, as mulheres a frente do movimento tinham como objetivo atrair atenção para o tema a partir de situações ocorridas como essa, a Marcha das Vadias e Me Too.

### 3.6 Ciberfeminismo e Tecnofeminismo



Os desafios enfrentados pelos movimentos feministas incluem a busca por conquista no ciberespaço<sup>7</sup>. Apesar da transição da luta feminista para as redes tecnológicas, as mulheres continuam a enfrentar significativas dificuldades para terem suas vozes ouvidas no ambiente virtual. Este espaço, embora virtual, permanece marcado por um forte viés misógino e patriarcal. No entanto, o movimento de jovens engajados no feminismo demonstra notável capacidade de adaptação a diferentes contextos.

Ao contrário da indiferença de alguns diante da revolução tecnológica, os jovens têm permanecido ativos e receptivos às mudanças. As novas formas de relacionamento proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação servem de inspiração para autoras ciberfeministas, como para Sadie Plant (1999), que ressurgem com imagens sugestivas, simbolizando os atuais padrões de interação social, especialmente na internet.

O ciberfeminismo enfatiza as inovadoras formas de comunicação no espaço cibernético<sup>8</sup>, permitindo a criação de novas identidades e deixando de lado a objetificação do corpo feminino. Nesse contexto, o "Manifesto Ciborg" de Donna Haraway (1985) busca eliminar essa dicotomia, rompendo com a noção de "carne" (refere-se à concepção tradicional e limitada da identidade feminina associada ao corpo biológico) e proporcionando a oportunidade de reescrever a identidade feminina sem os padrões culturalmente institucionalizados de dominação, predominantemente machistas.

O tecnofeminismo de Wajcman (2006) destaca a importância política do acesso das mulheres à ciência e tecnologia. Reconhecendo o espaço de poder no ciberespaço, as feministas devem buscar o acesso necessário a essa tecnologia, evitando que o conhecimento permaneça

---

<sup>7</sup> O ciberespaço é visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais. A Internet é associada atualmente a rede telemática mundial, embora não esgote, nem represente todo o ciberespaço. As relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou a se concretizar no mundo real. Marcam, portanto, um novo tipo de sociedade. O indivíduo rompe com alguns princípios tidos como regras sociais, alterando alguns valores e crenças, sem que isso seja uma determinação da sociabilidade existente no mundo (Bergmann, 2007, p. 4).

<sup>8</sup> O traço marcante da sociedade contemporânea é a alta tecnologia, introdutora de nova dimensão à comunicação. Não se trata apenas, de uma evolução da realidade física, material, concreta dos objetos, a utilizar os recursos da natureza, mas de uma realidade criada, de impulsos eletrônicos, codificada e simbólica em outra dimensão do tempo-espaço. O físico e o virtual passam a coexistir na cumplicidade e complexidade da configuração cibernética, cujos comandos codificados produzem ondas imateriais. Tem-se, dessa forma, a substituição das pesadas estruturas tecnológicas da modernidade industrial pelas leves, portáteis e ágeis tecnologias eletrônicas, capazes de reduzir distância e tempo aos comandos instantâneos (Vieira, 2006, p. 1).



predominantemente masculino. Como resultado, o tecnofeminismo deve ser empregado como uma ferramenta de empoderamento tecnológico feminino. Assim, Wajcman situa que “para muitas pessoas, a sociedade global da informação, que se caracteriza por uma compreensão do espaço e do tempo, marca toda uma nova era na condição humana. (Wajcman, 2006, p. 10)”.

Portanto, conforme o argumento de diversos teóricos, incluindo Manuel Castells (2006), acredita-se é de que a internet não apenas está gerando uma revolução tecnológica, mas também uma revolução social. O autor sustenta que a internet serve como alicerce para o surgimento de novas modalidades de relações sociais.

#### 4. SER JOVEM NO SUDOESTE MARANHENSE

Em Buriticupu e Imperatriz, assim como em muitas outras cidades do interior do Maranhão, a vivência da juventude é profundamente moldada pelos marcadores sociais de desigualdade. Fatores como classe, gênero, raça e origem geográfica desempenham um papel crucial na percepção e nas oportunidades disponíveis para as/os jovens nessas comunidades. O reconhecimento como parte da categoria da juventude nem sempre é igualmente distribuído. Jovens provenientes de famílias mais abastadas muitas vezes desfrutam de acesso privilegiado à educação de qualidade e oportunidades de emprego, o que os coloca em uma posição socialmente reconhecida como jovens promissores. Enquanto isso, aqueles de origens mais humildes enfrentam obstáculos consideráveis para alcançar os mesmos patamares, devido à falta de recursos e à escassez de oportunidades. Assim, Leila Lima de Sousa defende que:

A juventude é compreendida nas ciências sociais como uma categoria “social” e “histórica” (Groppo, 2017). Social, segundo Groppo (2017), pela sua interligação aos grupos, às coletividades, às simbologias e ao estatuto social. Histórica, por ser permeada por intensas transformações, podendo mudar de significado e de compreensão de acordo com a sociedade em que está sendo estudada (Groppo, 2017). Assume um status social de maior prestígio que a infância, mas menor em relação à maturidade, especialmente pelas representações construídas de que os jovens possuem menos direitos sociais por ainda dependerem da família e das instituições de socialização (Groppo, 2017) (Sousa, 2023, p 2).

A entrada no mercado de trabalho, a obtenção de qualificações profissionais e o exercício dos direitos de cidadania são influenciados diretamente por esses marcadores sociais. Jovens pertencentes a grupos marginalizados, como indígenas ou afrodescendentes, enfrentam discriminação sistemática e enfrentam desafios adicionais para se estabelecerem



profissionalmente e exercerem plenamente sua cidadania, e caso seja mulher com todos os marcadores sociais, a situação fique mais delicada. Por exemplo, um jovem do campo em Buriticupu pode enfrentar obstáculos únicos, como a falta de reconhecimento de seus direitos territoriais e a ausência de políticas educacionais sensíveis a sua realidade. Enquanto isso, uma jovem de classe baixa em Imperatriz pode se ver obrigada a equilibrar os estudos com a responsabilidade de ajudar financeiramente sua família, enfrentando dificuldades adicionais para avançar em sua educação e carreira. Assim, compreender como esses marcadores sociais influenciam as experiências e percepções da juventude nessas comunidades é fundamental para implementar políticas e programas que busquem promover verdadeiramente a igualdade de oportunidades e a justiça social para todas/os as/os jovens, independentemente de sua origem, gênero ou condição social.

Ser jovem no interior do Maranhão pode ser uma experiência única, moldada pela cultura, tradições e desafios locais. Eles podem enfrentar desafios como acesso limitado a educação de qualidade, oportunidades de emprego e infraestrutura básica. De acordo com dados do Censo Demográfico de 2022, (IBGE), em 2010, a taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais no Maranhão era de 20,8%. Em 2022, esse número diminuiu para 15,5%, a menor taxa nos últimos 12 anos. As pessoas de cor ou raça branca e amarela com 15 anos ou mais de idade apresentaram as menores taxas de analfabetismo, com 4,3% e 2,5%, respectivamente. Em contraste, as pessoas de cor ou raça preta, parda e indígena do mesmo grupo etário, obtiveram taxas de 10,1%, 8,8% e 16,1%, respectivamente. As taxas de analfabetismo de pessoas pretas e pardas são mais que o dobro das pessoas brancas, enquanto a taxa de analfabetismo entre indígenas é quase quatro vezes maior.

Esses dados revelam uma persistente desigualdade racial na educação dos e das jovens maranhenses, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais eficazes e inclusivas para promover a alfabetização entre as populações mais vulneráveis. A redução na taxa geral de analfabetismo é um avanço significativo, mas a disparidade entre os diferentes grupos raciais indica que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade educacional no Maranhão. Essa situação é ainda mais problemática ao considerarem as diferenças de gênero, com as mulheres pretas da periferia enfrentando taxas de analfabetismo ainda mais altas.



## 5. PERFIL DEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES: EXPLORANDO GÊNERO, IDADE E RESIDÊNCIA NO MARANHÃO

Iniciamos as atividades da pesquisa com o levantamento de informações sobre os participantes quanto ao gênero, idade e situação de moradia (se moram com os pais). Após verificarmos a quantidade de alunos e alunas, totalizando 105 participantes, foi dado início à preparação do primeiro instrumento de análise. No recorte de gênero e idade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo de 2022, 51,72% da população maranhense são mulheres e 48,29% são homens. Na pesquisa, também houve uma maior presença de mulheres, conforme observado na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Gênero e faixa etária das/os discentes. (Imperatriz)

	Gênero		Faixa de idade dos entrevistados				
	M	F	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	20 anos
DISCENTES ENTREVISTADAS/OS	27	30	2	26	22	6	1
	47%	53%	3%	46%	39%	10%	2%

Total: 57 (100%)

Gênero e faixa etária das/os discentes. (Buriticupu)						
	Gênero		Faixa de idade dos entrevistados			
	M	F	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos
DISCENTES ENTREVISTADAS/OS	20	28	1	3	35	6
	42%	58%	2%	7%	78%	13%

Total: 48 (100%)

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2023).

## 6. UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO DIGITAL E SEU USO DA INTERNET

É possível afirmar que os interlocutores da pesquisa representam uma geração digital que percebe a tecnologia como uma ferramenta de lazer, estudo, pesquisas e manifestações políticas, possuindo relevância no processo social e de aprendizagem. As tabelas abaixo



exploram as diferentes atividades e opiniões dos jovens sobre o uso da internet. Elas condensam questões a respeito de locais, disponibilidade, principais dispositivos tecnológicos e finalidades. O uso da internet também reflete nas relações interpessoais dos jovens com seus iguais, demonstrando que, ao fazer uso das tecnologias disponíveis, os jovens buscam apreender questões sociais, como as relacionadas às desigualdades de gênero e ao feminismo. Em relação ao uso de aparelho celular, 98% dos jovens em Imperatriz e 86% em Buriticupu mostraram possuir smartphones com acesso à internet.

Portanto, essa análise aponta para uma visão positiva e abrangente do papel da tecnologia na vida dos adolescentes, retratando-os como membros de uma "geração digital" que percebe a tecnologia como uma ferramenta multifacetada e essencial em diversas áreas de suas vidas. A estatística sobre o uso de smartphones com acesso à internet destaca a percepção desenvolvida da tecnologia entre os jovens participantes da pesquisa, sugerindo que a conectividade digital é praticamente onipresente nesse grupo demográfico.

A análise também destaca o impacto do uso da internet nas relações interpessoais dos jovens. Ao considerar como o uso da tecnologia afeta suas interações com seus iguais, a pesquisa busca compreender não apenas o aspecto individual do uso da internet, mas também seu papel na dinâmica social mais ampla. Isso inclui a busca por questões sociais, como as relacionadas às desigualdades de gênero e ao feminismo, indicando que a tecnologia está sendo utilizada como uma ferramenta para a educação e para promover a discussão sobre questões importantes.

No entanto, é importante reconhecer que a tecnologia também pode potencializar aspectos negativos, como a violência por meio do cyberbullying, a disseminação de informações equivocadas em canais online e a facilitação de grupos nocivos, como os de pedofilia. Portanto, enquanto a tecnologia oferece oportunidades para o crescimento e a conscientização social, também requer medidas de proteção e educação para mitigar seus impactos negativos.

Além disso, a influência da tecnologia nas interações sociais dos jovens pode ir além do ativismo e da conscientização, moldando suas percepções e comportamentos de formas complexas. Por exemplo, o uso excessivo das redes sociais pode levar a uma comparação constante e insalubre com os outros, afetando a autoestima e o bem-estar emocional dos jovens.



Da mesma forma, a exposição a conteúdos violentos ou prejudiciais online pode dessensibilizar os jovens e normalizar comportamentos agressivos ou prejudiciais.

As tabelas mencionadas exploram uma variedade de atividades e opiniões sobre o uso dos aparelhos digitais. Isso sugere uma abordagem abrangente na pesquisa, que vai além de simplesmente quantificar o tempo de tela ou identificar a marca dos aparelhos utilizados, mas procura entender como os adolescentes estão realmente utilizando a internet e como isso se relaciona com suas experiências e pontos de vista.

A análise indica que a tecnologia é percebida como relevante não apenas para o entretenimento individual, mas também para o processo social e de aprendizagem. Isso sugere que os adolescentes reconhecem o papel da tecnologia na formação de conexões sociais e na expansão de seus horizontes educacionais.

Tabela 2 – Principal dispositivo de acesso à internet das/os discentes. (Imperatriz)

	Smartphone	Computador de mesa
<b>DISCENTES ENTREVISTADAS/OS</b>	<b>56</b>	<b>1</b>
	<b>98%</b>	<b>2%</b>
Total: 57 (100%)		

Principal dispositivo de acesso à internet das/os discentes. (Buriticupu)

	Smartphone	Notebook	Compartilhado com alguém	Nenhum
<b>DISCENTES ENTREVISTADAS/OS</b>	<b>41</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
	<b>86%</b>	<b>4%</b>	<b>4%</b>	<b>6%</b>
Total: 48 (100%)				

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2023).

## 7. VIVENDO CONECTADOS: O IMPACTO DA INTERNET NA JUVENTUDE

A internet é uma realidade para esses alunos e essas alunas, pois mais de 90% da amostragem geral da pesquisa utiliza a internet frequentemente. Estar conectados é prioridade; os jovens estão constantemente online por meio de aparelhos celulares de uso exclusivo ou



compartilhado. A maioria dos entrevistados e das entrevistadas mostrou que faz uso frequente da internet, e a maioria deles e delas respondeu que sempre utiliza a internet em casa. O uso da internet entre os jovens assume, portanto, significados e efeitos que merecem atenção no que diz respeito ao desenvolvimento dessa geração.

Quando questionados sobre os sites de maior utilização, a maior parte das respostas obtidas mostrou o seguinte: 84% em Imperatriz e 64% em Buriticupu usam a internet para acessar redes sociais, enquanto 7% em Imperatriz e 12% em Buriticupu a utilizam para assistir a filmes e séries. Esses dados apontam para a mesma conclusão: a presença incisiva do uso das tecnologias digitais é essencial para esses jovens.

Este estudo destaca a importância central da internet na vida dos jovens, tanto em termos de acesso quanto de atividades realizadas online, com um impacto significativo no desenvolvimento da geração atual. A análise dos sites mais utilizados pelos interlocutores revela que as redes sociais ocupam uma posição de destaque, seguidas pela visualização de filmes e séries. Isso sugere que as redes sociais desempenham um papel central na vida social dos adolescentes, enquanto o entretenimento também é uma atividade popular online.

O fato de a maioria dos entrevistados e das entrevistadas afirmarem que sempre utilizam a internet em casa ressalta o papel central do ambiente doméstico como um espaço de conexão digital. Isso pode indicar que a casa é vista como um local fundamental para o acesso à internet e para as atividades online dos jovens. O fato de mais de 90% da amostragem geral da pesquisa utilizar a internet frequentemente sugere que a conectividade online é uma realidade predominante entre os jovens estudados. Isso indica uma alta dependência e integração da internet em suas vidas diárias.

Observa-se na tabela três (3) abaixo:

Tabela 3 – O que as/os discentes mais acessam a internet. (Imperatriz)

	Redes sociais	Filmes/Series	Trabalhos escolares	Pesquisas
<b>DISCENTES ENTREVISTADAS/OS</b>	<b>48</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
	<b>84%</b>	<b>7%</b>	<b>2%</b>	<b>7%</b>
Total: 57 (100%)				



O que as/os discentes mais acessam a internet. (Buriticupu)

	Redes sociais	Filmes/Serie	Trabalhos escolares	Pesquisas	Sem acesso
	30	6	3	6	3
DISCENTES ENTREVISTADAS/OS	64%	12%	6%	12%	6%
Total: 48 (100%)					

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2023).

## 8. DESIGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA E NA FAMÍLIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Diante das respostas apresentadas no gráfico 1 abaixo, é importante observar que boa parte das respostas foi positiva diante da questão abordada: 65% dos entrevistados em Imperatriz e 60% em Buriticupu já leram sobre as questões de desigualdade de gênero. Ainda assim, os discentes se mostraram inibidos em relação ao debate sobre as adversidades, avanços e retrocessos nas questões que envolvem as desigualdades entre os gêneros. Louro (1995, 1997) questiona a relação entre gênero e escolarização, observando as desigualdades geradas no ambiente escolar, o qual desempenha um papel importante na naturalização das discriminações sociais de forma geral, em particular as de gênero e sexualidade. Assim como a família, a escola tem papel primordial nos debates sobre as injustiças e dessemelhanças do outro. “Desde os seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos [...]” (Louro, 1997, p.57).

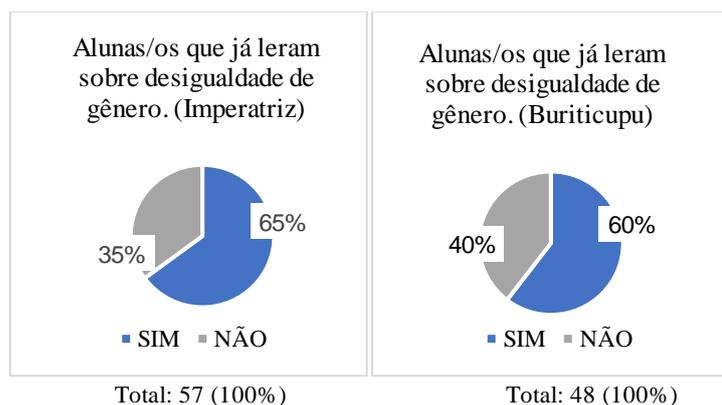
A autora analisa como dispositivos e hábitos se formam na identidade de gênero de meninos e meninas escolarizados. Por outro lado, a família exerce forte influência na construção dos indivíduos, independentemente de reconhecer que os sujeitos são ativos na formação de suas identidades. Não obstante, defende-se que o acesso na escola às pesquisas sobre as questões de gênero, bem como a instituição de críticas sobre os conceitos de diferenças e diversidade, ajudaria a produzir mudanças mais significativas no cotidiano escolar.

O mais grave disso é que a escola não apenas produz e transmite conhecimento, mas também contribui para produzir sujeitos e identidades, para reforçar divisões dos gêneros e das classes. Neste sentido, a manutenção e/ou reprodução das diferenças e

Nas rodas de conversas, ao serem questionados sobre como a escola e a família se fazem presentes na discussão, os entrevistados e as entrevistadas mostraram haver debates em sala de aula, mas não há conversa com suas famílias sobre desigualdade de gênero. Na escola, esses debates ocorrem de forma breve e sucinta, devido ao receio de discórdias entre os grupos em sala, nos quais os alunos se separam em Esquerda e Direita, limitando a profundidade das discussões. Algumas disciplinas que abordam as desigualdades de gênero e o feminismo no ambiente escolar visam problematizar as desigualdades entre homens e mulheres, possibilitando aos alunos e alunas uma maior compreensão sobre desigualdades, diferenças e a luta das mulheres, já que o ambiente escolar ainda se constrói como um lugar de manutenção de padrões.

No gráfico, podemos visualizar as porcentagens de conhecimento dos discentes sobre o que entendem por gênero, observando-se que as duas escolas obteve-se respostas aproximadas.

Gráfico 1



A geração descrita como conectada pelos estudiosos mostra que, com o passar do tempo, seu alcance diante das informações, a forma de se comunicar, de agir e de lidar com problemas sociais mudaram e continuam mudando. Os jovens estão cada vez mais distantes dos livros, dos debates presenciais e do contato olho no olho.

Ao longo da última década, novas mídias e tecnologias geraram uma combinação de conectividade e meios de produção e reprodução de informação que foram inovadores para que mulheres feministas se organizassem. Menos limitadas pelas amarras patriarcais das instituições tradicionais, mulheres passaram a formar núcleos de resistência e militância



feminista online. Militantes e simpatizantes se consolidaram a partir de redes sociais e blogs (Caleiro; Diniz, 2011).

No entanto, as respostas apresentadas na tabela 4 abaixo, com índices de 69% para Imperatriz e 48% para Buriticupu, mostram que os jovens estão usando o aparelho celular como instrumento para buscar informações sobre questões de desigualdade de gênero e feminismo. A pesquisa revela que a escola se coloca de forma tímida nas discussões, e a família não aparece.

Tabela 4 – Meios através dos quais as/os jovens se informam sobre gênero e feminismo. (Imperatriz)

	Escola	Celular	Livros	Nenhuma
<b>DISCENTES ENTREVISTADAS/OS</b>	<b>12</b>	<b>37</b>	<b>5</b>	<b>3</b>
	<b>23%</b>	<b>69%</b>	<b>6%</b>	<b>2%</b>
Total: 57 (100%)				

Meios através dos quais as/os jovens se informam sobre gênero e feminismo. (Buriticupu)

	Escola	Celular	Livros	Jornais	Televisão	Nenhuma
<b>DISCENTES ENTREVISTADAS/OS</b>	<b>4</b>	<b>23</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>12</b>
	<b>8%</b>	<b>48%</b>	<b>4%</b>	<b>4%</b>	<b>11%</b>	<b>25%</b>
Total: 48 (100%)						

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2023).

Uma pergunta no decorrer da pesquisa tratava especificamente do que eles e elas entendem por feminismo. O objetivo da pergunta era compreender como o feminismo se relacionava com as vivências mais amplas dos discentes, com enfoque nas desigualdades de gênero. Para uma das entrevistadas, as desigualdades de gênero se traduzem por uma luta cotidiana que tem o corpo feminino como arena:

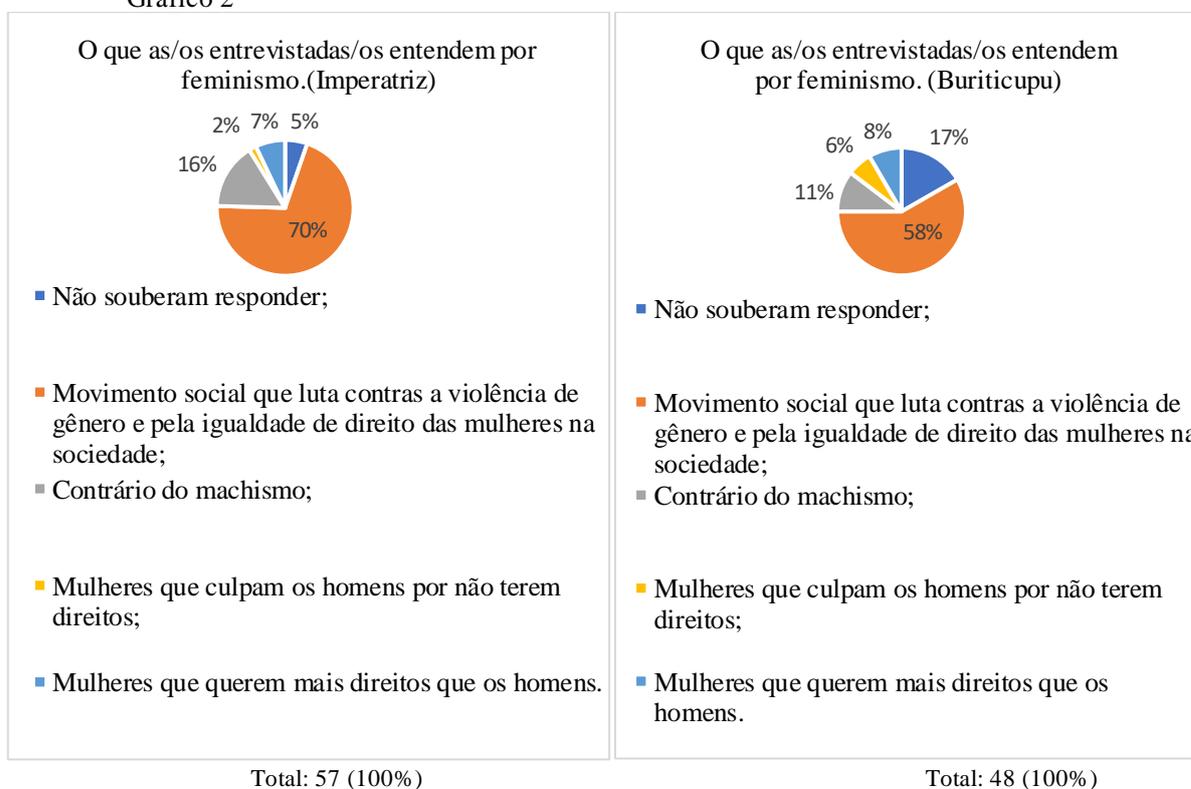
Eu só sei sentir, em todos os lugares quando eu tenho que me preocupar com a roupa que vou sair, enquanto um menino não tem essa preocupação. Quando sou diminuída com alguns assuntos como: falar de futebol, meu corte de cabelo etc. Dentro de casa quando as divisões de tarefas ficam apenas para as mulheres (16 anos, informação verbal, maio de 2023).

A explicação para essa visão mais ampla em relação ao feminismo, por parte dos alunos e alunas, pode estar relacionada ao contato que eles tiveram com tais discussões na internet. Ao

mesmo tempo, o algoritmo das redes sociais pode direcionar para um caminho oposto, exibindo discursos intolerantes e preconceituosos divulgados por grupos conservadores. A internet é central para a compreensão do feminismo, como já mencionado.

Contudo, pode-se observar que 70% dos alunos e alunas em Imperatriz e 58% em Buriticupu mostraram que entendem o conceito de feminismo como um movimento social que luta contra a violência de gênero e pela igualdade de direitos das mulheres na sociedade. Enquanto isso, 16% em Imperatriz e 11% em Buriticupu entendem que feminismo é o contrário do machismo; 2% em Imperatriz e 6% em Buriticupu acham que são as mulheres que culpam os homens por não terem direitos; 5% em Imperatriz e 17% em Buriticupu acreditam que são mulheres que querem mais direitos que os homens; e 5% em Imperatriz e 8% em Buriticupu não souberam responder a essa questão, conforme observado no gráfico abaixo:

Gráfico 2



Diante das mudanças ocorridas na sociedade que repercutem no movimento feminista Ana Claudia Felgueiras (2017) comenta sobre uma possível quarta onda do feminismo e o uso de tecnologias.

Diante deste cenário social de novas formas de manifestação do feminismo nos dias atuais, muito se fala da possibilidade de estarmos vivendo uma nova onda, a quarta onda do feminismo no Brasil, caracterizada principalmente pelo uso da internet e das redes sociais como forma de mobilização, debates e divulgação do feminismo, alguns



autores têm chamado de Ciberfeminismo pelo uso de ferramentas tecnológicas como canais de vídeos, blogs, sites e redes sociais com jovens militantes que foram criadas já na era digital e que compreendem o alcance desta ferramenta de comunicação e sabem muito bem como utiliza-la (Felgueiras, 2017, p. 119).

O movimento feminista passou por muitas mudanças ao longo do tempo, com o surgimento e o avanço da tecnologia os movimentos sociais deixaram de ocupar somente as ruas e passaram a ocupar também as redes, tornando a luta das mulheres ainda maior.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir a desigualdade de gênero e o feminismo, é importante compreender que este é um problema antigo, porém atual, que continua a afetar a sociedade. A pesquisa realizada revela que as/os jovens maranhenses estão acessando informações sobre esse debate, embora introvertidamente. As/os participantes da pesquisa mostraram estar fortemente conectados através do uso intensivo de aparelhos celulares, especialmente para acessar a internet e as redes sociais, indicando uma mudança significativa na forma como as/os jovens do século XXI se envolvem com as questões do movimento feminista em comparação com as gerações passadas, devido às mudanças tecnológicas.

É possível argumentar que os algoritmos das redes tecnológicas desempenham um papel crucial na moldagem das discussões que as/os jovens acessam sobre desigualdade de gênero e feminismo, superando até mesmo a influência de instituições tradicionais, como escola, família e igreja. Apesar da presença das/os jovens nesse debate, a pesquisa aponta para a timidez da escola e da família em abordar essas questões diretamente com eles e elas. A pesquisa indica que, apesar da prevalência do acesso à tecnologia e às redes sociais, a abordagem sobre desigualdade de gênero e feminismo ainda nas escolares e nas conversas familiares. Isso sugere uma lacuna significativa na educação formal e na socialização das/os jovens sobre essas questões cruciais, deixando-os muitas vezes dependentes de fontes digitais para obter informações e perspectivas sobre o assunto.

A pesquisa, conduzida em dois municípios e escolas distintas no sudoeste do Maranhão, revela diferenças significativas nas realidades locais, especialmente em relação ao acesso às tecnologias. Por exemplo, as/os jovens de Imperatriz tem mais acesso a telefones celulares exclusivos. No entanto, há também semelhanças marcantes entre os dois municípios,



destacando que em ambos, as redes sociais são o principal meio de informação e interação sobre desigualdade de gênero e feminismo para as/os jovens.

Outro ponto a ser considerado é a influência das comunidades online e dos grupos de afinidade nas redes sociais, que podem tanto amplificar como restringir a diversidade de pontos de vista sobre desigualdade de gênero e feminismo. Esses espaços digitais podem ser tanto inclusivos e progressistas, oferecendo apoio e informação, quanto polarizados e propensos a discursos de ódio e desinformação.

Portanto, enquanto a tecnologia oferece oportunidades sem precedentes para a disseminação e discussão das questões de gênero, também destaca a importância de abordagens mais holísticas e inclusivas na educação formal e nas interações familiares, visando uma compreensão mais ampla e crítica das questões relacionadas à desigualdade de gênero e aos feminismos.

A questão de se a sociedade contemporânea está experimentando uma "quarta onda" do movimento feminista é objeto de debate entre acadêmicos, ativistas e observadores sociais. Alguns argumentam que estamos de fato vivenciando uma nova fase do movimento feminista, enquanto outros questionam se é apropriado rotular isso como uma "quarta onda". A ideia de uma quarta onda destaca geralmente o surgimento de novas questões e formas de ativismo feminista, incluindo a ênfase nas interseccionalidades de gênero, raça, classe e outras identidades, bem como o uso das mídias sociais como uma ferramenta importante de mobilização e conscientização. Além disso, apontam para questões emergentes, como o movimento #MeToo e os esforços para desafiar as normas de gênero e as estruturas de poder patriarcais em diferentes esferas da sociedade.

Independentemente de como é rotulado, é claro que as questões de gênero continuam sendo importantes, o ativismo feminista continua a desempenhar um papel significativo na luta pela igualdade de gênero e justiça social.

Se a tecnologia será a força emancipadora que abolirá a distinção entre homens e mulheres e eliminará as disparidades de gênero é complexa e sujeita a interpretações diferentes, pois não podemos esquecer que quem está por trás dos meios de comunicação são pessoas reais, informadas por um conjunto de valores, muitas vezes, conservadores.

Se por um lado, a tecnologia tem o potencial de desempenhar um papel significativo na promoção da igualdade de gênero e na redução das disparidades, a exemplo, da facilidade de



acesso à educação e informações por meio da internet com potencial de capacitar as mulheres em áreas onde anteriormente enfrentavam barreiras significativas; ou ainda a maior flexibilidade no trabalho, o que pode beneficiar as mulheres que tradicionalmente enfrentam dificuldades para conciliar trabalho e responsabilidades familiares.

Por outro lado, é importante reconhecer que a tecnologia não é uma solução automática para todas as desigualdades de gênero, pois a desigualdade de acesso à tecnologia e habilidades digitais pode exacerbar as disparidades existentes entre pessoas e lugares. Além disso, a tecnologia também pode reproduzir e amplificar estereótipos de gênero, bem como criar novas formas de discriminação, como o assédio online.

Além disso, as desigualdades de gênero não são apenas resultado de diferenças de acesso ou oportunidades, mas também são enraizadas em estruturas sociais, culturais e econômicas mais amplas. Portanto, embora a tecnologia possa desempenhar um papel importante na luta pela igualdade de gênero, é improvável que seja a única força emancipadora capaz de eliminar as disparidades de gênero. São necessárias abordagens holísticas e multifacetadas que abordem as questões estruturais subjacentes para que se alcance a equidade entre os gêneros.

A tecnologia pode ser tanto uma força emancipadora quanto um epicentro de discriminação e divisão em relação ao gênero, dependendo de como é desenvolvida, implementada e utilizada na sociedade, ela pode ampliar as disparidades de gênero se não forem tomadas medidas adequadas para garantir que seja desenvolvida de maneira inclusiva e sensível ao gênero. Por exemplo, algoritmos e sistemas de inteligência artificial podem perpetuar preconceitos de gênero se forem treinados com conjuntos de dados enviesados ou se forem projetados sem considerar as diferentes necessidades e experiências entre as mulheres e entre homens e mulheres.

Além disso, as plataformas digitais e redes sociais podem ser usadas como ferramentas para disseminar discurso de ódio, assédio e violência de gênero, criando um ambiente online hostil para mulheres e para pessoas de outros gêneros. No entanto, a tecnologia também pode ser uma poderosa ferramenta para promover a igualdade de gênero e capacitar as mulheres. Por exemplo, a tecnologia pode facilitar o acesso à educação, saúde, oportunidades de emprego e participação cívica para mulheres em áreas onde enfrentam barreiras significativas. Além disso, as mídias sociais podem ser usadas como plataformas para mobilização, conscientização e defesa de direitos das mulheres.



Contudo, é essencial abordar ativamente as questões de discriminação de gênero na tecnologia e garantir que seja desenvolvida e utilizada de maneira ética, inclusiva e sensível ao gênero. A luta pela igualdade de gênero é, de fato, incessante e requer um esforço contínuo em todos os setores da sociedade, incluindo o campo da tecnologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. 6.ed. São Paulo: **Editora Brasiliense**, 1985.
- BERGMANN, Helenice M. B. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653) Vitória, 2007.
- CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política**. Belém, 2005.
- COLLADO, Ana Martínez. **Cyberfeminismo: Tecnologías de la subjetividad y políticas de género en las redes de la nueva comunicación**. 2002.
- Dossiê História das mulheres e das relações de gênero. v. 6 n. 13 (2018): BILROS. [Escrivalolaescreva.blogspot.com/2011/11/ms-revista-feminista-que-fez-historia](https://escrivalolaescreva.blogspot.com/2011/11/ms-revista-feminista-que-fez-historia).
- FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. Leal. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Cyberfeminismo. In: **Revista Digital Simonsen**, Nº 6, maio. 2017. Disponível em: [www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen) ISSN:2446-5941.
- FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. SABARENSE, Stéphanie. BRANCO, Angela Uchoa. A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola. **Revista psico**, v. 40, n. 2, pp. 184-193, abr./jun. Brasília, 2009.
- FERREIRA, Mary. TEIXEIRA, Cenidalva. BORGES, Luís Cláudio. **O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E AS DESIGUALDADES DIGITAIS NO MARANHÃO: desafios para a construção da cidadania**. Maranhão, 2007.
- GAMA, Luziane Ponciano. JUNIOR, Clodomir Cordeiro de Matos. VIEIRA, Jaira Ruama Oliveira de Sousa. MONTEIRO, Karla Bianca Freitas de Souza. **Rede de apoio e atendimento às mulheres vítimas de violência na cidade de Imperatriz – MA**. Brazilian Journal of Development. Imperatriz, 2022.
- HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-humano. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. Ed. Schwarcz.s.a. São Paulo, 2018.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 157-212.
- KOZINETS, Robert V. **NETNOGRAFIA REALIZANDO PESQUISA ETNOGRÁFICA ONLINE**. Porto Alegre : Penso, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I. O cru e o cozido**. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.



- LIMA, Quezia Dos Santos. **"feminismo para quê?": O funcionamento dos discursos feministas no ciberespaço**. Salvador, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **GENERO HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: construção e desconstrução**. Porto Alegre, 1995.
- MISKOLCI, Richard. PELÚCIO, Larissa. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(1): 422, janeiro-abril/2017.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Boitempo Editorial. São Paulo, 2016.
- OLIVEIRA, Beatriz de Souza; **Direitos da mulher: avanços na legislação e o surgimento da lei nº 11.340 de agosto de 2006, lei maria da penha**. Inhumas - Goiás, 2018.
- PERES, Beatriz Serrapio. FALCI, Fernando de Britto. Resenha do livro "reivindicação dos direitos da mulher", de mary wollstonecraft. **Revista Culturas Jurídicas**, Vol. 5, Núm. 10, jan./abr. 2018.
- PEREZ, Olívia Cristina. RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista: Interseccional, digital e coletiva**. São Paulo, 2019.
- PINHEIRO, Damares Bastos. **Sadie Plant e o processo de feminização da cultura como feminismo aceleracionista**. Das Questões. Vol. 12, n.1, junho de 2021, p.86-96, Brasília.
- PLANT, Sadie. **A Mulher Digital. O feminismo e as novas tecnologias**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1999.
- REIS, Josemira Silva. **Feminismo por hashtags: As potencialidades e riscos tecidos pela rede**. Florianópolis, 2017.
- SÁNCHEZ, Amparo Romero. La utopía postfeminista: del ciberfeminismo al tecnofeminismo. In: **Cuadernos del Ateneo**, ISSN 1137-070X, nº 32, 2014, p. 156-169.
- SOUSA, Luan Alves de. **Manda um Zap O WhatsApp por uma perspectiva maranhense, interiorana e feminina**. Brasília, 2019.
- SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira. WAGNER, Adriana. MOSMANN, Clarisse Pereira. ARMANI, Ananda Borgert. **Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas**. Curitiba, 2012.
- VIEIRA, Euripedes Falcão. **A Sociedade cibernética**. CADERNO EBAPE, BR, v. 4, nº 2 Jun, 2006.
- WAJCMAN, Judy. **Tecnofeminismo**. Ediciones Cátedra, Madrid, 2006, p.66.
- ZANIBONI, Juliana. O impacto dos movimentos sufragistas no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. **O Cosmopolítico** - ISSN 2318-9711 - v. 5 n.2 dezembro 2018.
- ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, V. 7, N. 2, 2021, p. 10-31.